



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



MINAÇU, GO, 24 DE MAIO DE 2002

Meus caros amigos e governadores, aqui, presentes; Governador de Goiás, Marconi Perillo; Meu querido amigo Siqueira Campos; Senhor Jean-Pierre Watervleit, Embaixador do Reino da Bélgica no Brasil; Ministros de Estado aqui presentes; Senhor Vice-Governador de Goiás; Tantos ilustres Parlamentares,

Goiás tem uma característica: Goiás tem mais senadores do que parece. Quando fui membro do Senado, fiquei assustado. Havia nove que eram goianos, sem contar comigo, que aderi logo aos goianos. Aqui está o Siqueira Campos, que é do vizinho Tocantins, mas é goiano. Ao lado dele, a futura Senadora, Lúcia Vânia, aqui presente. E, nos olhando, o Henrique Meirelles, também futuro Senador. De modo que Goiás está inundado de senadores, para o bem do Brasil.

Quero também me referir aqui ao Prefeito de Minaçu, ao Prefeito de Cavalcante e ao Prefeito de Formosa, que vieram aqui prestigiar, com as suas presenças, essa solenidade.

Quero, também, mais uma vez, mencionar o Doutor José Mário Abdo, que é o Presidente da Aneel; o Presidente da Suez, que é o Gerárd Mes-

trallet; o Senhor Jean Pier Hansen, Presidente mundial da Tractebel; o Senhor Murilo Bahr, Presidente do Conselho de Administração da Tractebel, gerente e delegado – tem muitos títulos – da Suez do Brasil.

Como sempre, é para mim uma grande alegria pisar, outra vez, o chão querido do nosso Estado de Goiás. Todos sabem que tenho raiz aqui. Fico até mais feliz, ainda, quando vejo ao meu lado o Governador Siqueira Campos, que é de Tocantins, que era parte de Goiás. E o Governador Siqueira Campos sabe que também lá, em Tocantins, eu tenho raízes. De modo que, quando venho a esta região do centro do Brasil, me sinto gratificado e me sinto, até mais do que na França, em casa.

Estamos, aqui, hoje, ao lado dessa artéria fantástica de desenvolvimento dessas regiões, que são o Norte e o Centro-Oeste do Brasil, o rio Tocantins. Não sei se o Ministro Pedro Parente iria ficar tão contente quanto estou, vendo o Tocantins verter águas sem ainda gerar energia. Mas, de qualquer maneira, isso mostra a potencialidade imensa deste rio.

Esta usina que tenho, agora, hoje, o prazer de inaugurar, tem uma importância enorme não só para Goiás, mas para o Brasil inteiro, desde logo para o estado vizinho de Tocantins. Mas tem para o Brasil inteiro por causa das interconexões das redes que estamos fazendo. De modo que isso é algo que continua na agenda da transformação de todo o nosso sistema hidrelétrico e termelétrico para que possamos vir a ter, cada vez mais, confiança na nossa capacidade de produzir energia.

Os que me antecederam aqui mostraram e falaram da importância do que tem sido feito, nesses últimos anos, para ampliar o nosso potencial energético.

Recordo-me de que, há muito pouco tempo, estive lá, em Lajeado, no Estado de Tocantins, para inaugurar a usina a que, com muita emoção, demos o nome de Luís Eduardo Magalhães. Estivemos há muito pouco tempo, também, em Machadinho, lá na divisa de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, noutra usina; em Manso, em Mato Grosso; em Porto Primavera, lá em São Paulo, onde demos o nome do meu querido e saudoso Sérgio Motta – isso só para mencionar algumas das mais recentes inaugurações de que pude participar, foram muitas outras mais.

O Governador Marconi mostrou quantas, aqui, em Goiás, já foram feitas e quantas estão no *pipeline*, estão sendo processadas e vão ser feitas. Acho que inauguramos: Iguarapava, Candiota III, Rosana, Xingó, Jorge Lacerda IV, Samuel, Miranda, Serra da Mesa, só para lembrar algumas das usinas do meu primeiro mandato. E, agora, nesse segundo mandato, mostramos que, enfim, o Brasil tem realmente avançado muito no campo do aproveitamento hidrelétrico.

Na verdade, temos contado com investimentos de grande magnitude na infra-estrutura energética. É claro que a hidreletricidade corresponde à principal fonte geradora no Brasil, e vai continuar sendo assim. O Brasil tem esse potencial imenso, essa riqueza que nos foi dada pela natureza, que é uma coisa extraordinária. Certamente, vamos aproveitar ao máximo essa potencialidade.

Mas, com prudência também, estamos ampliando a rede de termelétricas e, também, de energia eólica, que é alguma coisa à qual nós não devemos deixar de prestar sempre atenção, porque, obviamente, temos que tirar proveito do conjunto das fontes de energia. E, sobretudo, temos que continuar fazendo gasodutos para que possamos ter termelétricas movidas a gás. Estamos ampliando as redes de transmissão. Enfim, estamos ampliando tudo, e ampliando de uma maneira que nos apraz.

Apraz por quê? Não só porque nós estamos tendo investimentos estrangeiros diretos, como é o caso da Tractebel, do Grupo Suez, como, basicamente, a obra é uma obra de engenharia nacional. E aqui estão presentes alguns dos responsáveis por isso, tanto como os do equipamento Voith Siemens, que fui ver lá em São Paulo, que é a maior fábrica de geradores de energia do mundo, tendo feito as usinas que estão lá na China, hoje, em Três Gargantas, e é uma fábrica que tem qualidade. E, certamente, aqui, está incorporada essa qualidade.

E as nossas construtoras, hoje, aqui, estão representadas pela Andrade Gutierrez e pela Odebrecht, que têm fama mundial e trabalham em nível mundial. Recentemente, estive no Panamá, conhecendo a ampliação do canal do Panamá, que a Presidente Mireya Moscoso está proporcionando. E ela estava ansiosa para que houvesse também a cooperação

de empreendedores brasileiros, de construtoras brasileiras, dada a qualidade da nossa engenharia.

De modo que, quando se vem aqui, e vê-se que, com uma economia de 21 meses, se faz uma obra desse porte; quando se percebe que essa obra faz parte de uma cadeia, de todo um projeto grande, não pequenininho, grandioso, de continuidade de crescimento; quando se vê que há capital estrangeiro; quando se sabe, também, que o trabalho é nacional, que a engenharia é nacional, que a produção é feita aqui, que os trabalhadores são brasileiros, são dessa região e de outras regiões, só posso ter muito orgulho de ser Presidente do Brasil. Orgulho não pelo cargo, mas orgulho pelos brasileiros, que são um povo trabalhador, empreendedor e aberto, que não tem medo nem da concorrência, nem de ser grato àqueles que vêm se juntar a nós nesse esforço, como é o caso do Presidente da Tractebel, da Suez, e que está se multiplicando pelo Brasil afora.

E mais, nesse processo de ampliação da nossa base energética, temos tido a oportunidade também de ampliar os laços com os nossos países vizinhos, já antigos, como o Paraguai, com o caso de Itaipu. Agora, também tenho a satisfação de dizer que fiz isso com o gasoduto Brasil-Bolívia, que era falado, mencionado, há 40, 50 anos, mas nós fizemos. E, hoje, esse gasoduto permite que haja termelétricas.

Nós fizemos a integração do Guri lá na Venezuela com Boa Vista. Outro sonho que hoje é realidade. Hoje, lá no norte do Brasil, a energia existe e é gerada num país irmão, que é a Venezuela. A mesma coisa estamos fazendo com a Argentina, estamos fazendo com o Uruguai. Já temos uma linha de transmissão pronta para ampliar mais mil megawatts, trazendo energia da Argentina para o Brasil.

É claro que um país que faz tudo isso, quando vem uma crise, ele não pode paralisar, ele tem que enfrentar. Nós enfrentamos e vencemos a crise. Vencemos, mas vencemos porque o povo ajudou, em primeiro e principal lugar, porque entendeu que era preciso fazer. Foi emocionante dizer às pessoas: olha, vai ter que rationar, vai ter que cortar. Não é fácil, apesar da incompreensão, até da torcida contrária de alguns pequenos setores que jogam mal, porque pensam que, quando o Governo vai mal, eles vão bem. Estão errados: quando o Governo vai mal, o País

vai mal também. E quando o País vai mal, todo mundo vai mal. Mas o povo não gosta do quanto pior, melhor, o povo gosta de acertar, gosta de avançar. Então, o que aconteceu? Respondeu bem. E nós nos organizamos. Obviamente, decepcionamos, como sempre gosto de fazer, os agourentos de plantão. Essa gente não é do meu lado, não gosto; eu gosto de gente que acredita, que aposta.

Precisamos ter essa capacidade de apostar no Brasil e de saber que é possível avançar, mesmo na crise. Aquela crise proporcionou um amadurecimento da nossa sociedade. Proporcionou que aprendêssemos que a energia é renovável, mas há momentos em que pode acabar. Mostrou que é preciso usar racionalmente a energia, que não pode haver desperdício. Como vamos ter que mostrar, daqui a pouco, que pode acontecer isso também com a água. Em geral, até a água para beber, a água para irrigação. Precisamos ter uma atitude mais responsável diante das fontes, renováveis que sejam, para que nós possamos ter um futuro mais tranquilo.

Aquela crise frustrou apenas os que gostam de criticar por criticar. Aprendemos muito e estamos vendo, aqui, nessa obra magnífica de engenharia sobre as águas do Tocantins, que estamos avançando e aumentando a nossa oferta de energia.

É claro que esses investimentos foram feitos nesse espírito novo, em que existe uma parceria entre o Governo e as várias formas de iniciativa privada. Aqui, se mencionou o BNDES. É indispensável a ação do BNDES. Imaginar, porque vai haver mercado, ou porque vai haver investimento estrangeiro ou investimento privado em geral, que o Governo vai se encolher é um engano. Na sociedade moderna, precisamos de mais Governo, mas Governo competente, Governo que não desperdice, Governo que não tenha só gordura, Governo que se relacione com a sociedade e que saiba articular os vários setores da sociedade para que possamos, efetivamente, avançar.

Essa oposição entre iniciativa privada, iniciativa pública, Estado e mercado é uma oposição simplista. O mundo de hoje é mais complexo do que isso e requer uma articulação inteligente entre as várias partes. É isso que nós estamos vendo aqui nesse empreendimento de hoje, que

foi uma articulação inteligente entre os vários setores e que se deve – eu agradeço as referências do Governador Marconi –, efetivamente, a que nós, há muitos e muitos anos, antevíamos que poderia ser um Brasil mais vibrante e mais capaz de juntar todo mundo com essa questão da lei de concessões, que foi, de fato, a primeira pedra que se moveu na direção de permitir que houvesse o concurso de muitas forças para fazer um Brasil novo.

Essa lei levou cinco anos para ser aprovada. Foi preciso que eu fosse Ministro da Fazenda e Presidente da República para poder lograr as articulações necessárias dentro do Congresso Nacional, para que uma lei óbvia fosse aprovada. E vamos ver os discursos que estão registrados no Congresso. Quanta insensatez foi dita a respeito dessa lei! Assim como foi dito a respeito de uma outra lei, da qual me orgulho de ter sido um dos participantes, que é a lei de participação dos trabalhadores nos lucros das empresas.

Vamos ver o que foi dito quando essa lei foi discutida no Congresso Nacional. Vamos ver o que aqueles que se dizem defensores do povo diziam então sobre a lei de participação dos trabalhadores nos lucros da empresas. Diziam que era um engano, que era um engodo, que era uma maneira de prejudicar os direitos dos trabalhadores, que era uma falta de confiança nos sindicatos. Bem, a caravana passou e os outros ficaram pelo caminho. Hoje, dizem outra coisa. Já esqueceram tudo que disseram. Certamente, hoje, são defensores ardorosos da lei e, mais do que da lei, da prática de participação dos trabalhadores nos lucros, o que é bom. É bom que as pessoas mudem, porque se muda para melhor, é bom. Mas o Brasil, hoje, está ficando melhor.

Criticaram, tantos anos. Tive tanta dificuldade para implantar um Brasil mais dinâmico, mais integrado ao mundo, mais moderno, melhor para todo mundo. Olha, o que eu ouvi! Eu nem ouvi, porque eu fechava os ouvidos. Se eu for acreditar que tudo que estou fazendo é com esse propósito, eu renuncio. Mas como não sou homem de renunciar, preferia não ouvir. Agora, eu ouço. Ouço até com prazer as pessoas repetirem o que eu disse há tantos anos, e repetem com uma cara que

parece até que acreditam. Espero que acreditem, porque, se não acreditarem, aí é grave.

O fato é que essas reformas estão sendo feitas no Brasil. Vejo, com muita satisfação, que o que nós estamos implantando é um Brasil novo. É um Brasil que, efetivamente, permite mais espaço para todo mundo, permite reconhecer que é preciso melhorar, e muito, as condições sociais. Mas, para isso, precisa ter projeto, precisa ter continuidade, precisa ter visão, precisa ter coragem. Tem que ter coragem para, quando não for possível, dizer não.

Vocês pensam que é fácil fazer o que eu fiz, semana retrasada, mandar cortar 5 bilhões do Orçamento para questões importantes? Não é fácil, não, porque os que vêm pedir que não corte estão pedindo coisas justas, olhando do ângulo de cada um. Mas tenho que olhar no ângulo do conjunto, tenho que olhar no decorrer do tempo, tenho que olhar a mais longo prazo, tenho que fazer com que as coisas continuem numa certa direção.

Então, com muita dor no coração, eu assino medidas que não são populares e que, em si mesmas, não são animadoras. Mas que, se eu não assinar, quem vai pagar é o povo todo, no futuro, sem saber nem por quê. Vai pagar. Eu assino. Assinei. Ainda bem que o Senado despertou. Votou por unanimidade, meu Deus do céu!, por unanimidade, a CPMF. Se votou por unanimidade, por que não votou tudo logo? Por que os partidos não apoiaram tudo de uma vez? Só quando o Presidente vai lá, corta o Orçamento e diz ao País: “Olha, ou vota isso ou então vai parar.” Por que isso? Será que nós não estamos num momento em que precisamos separar o interesse do País, o interesse público, de uma visão estreita do interesse de cada setor, de cada partido, de cada pessoa, às vezes?

Espero que, com o decorrer do tempo, não tenhamos mais que obrigar um Presidente da República a fazer, como tenho sido obrigado tantas vezes, a assinar atos que não gostaria de assinar, mas tenho responsabilidade pública e social. Espero que, no futuro, os meus sucessores não tenham que passar por tantas provas e não tenham que, sem perder o humor, ser duros e fazer o que não gostam de fazer.

Mas isso não quer dizer nada, porque o que vale mesmo é isso que está aqui. O que a história registra, o que o País vê, é a mudança que vai ocorrendo na mentalidade, que não muda sozinha. Ela muda com apoio em obras concretas, como essa obra que nós estamos vendo aqui.

Vamos continuar. Somente no campo da hidreletricidade, até 2003, vão ser mais 7.800 megawatts. Isso não nasceu de repente não, nasceu da lei de concessões, vem de longe, e de uma luta imensa: criar a Aneel, criar instituições que permitam o funcionamento de um novo país, fazer as licitações, motivar os empresários, treinar os trabalhadores, ter boas escolas de engenharia, isso é um conjunto para que um país avance.

Mas o fato é que, só em hidrelétricas, até 2003, teremos mais 7.800 megawatts. E tem as termelétricas – são mais de 6 mil megawatts. Sem falar na energia eólica, com que poderemos acrescentar mais mil megawatts. O fato é que nós vamos acrescentar, mais ou menos, mais 16 mil megawatts até 2003, o que já é alguma coisa. Hoje, temos uma capacidade de geração de cerca de 70 mil megawatts. E a demanda, o consumo diário, médio, em megawatts, é de, mais ou menos, 40 mil, de modo que nós temos uma boa capacidade.

Agora, temos que evitar riscos de insuficiência. Nós vimos na nossa experiência que, às vezes, a chuva, a falta de linhas de transmissão, a incapacidade previsora podem, realmente, complicar as coisas. Por isso nós criamos esse sistema novo. Estamos ainda em construção. Anotei as palavras do Presidente da Tractebel a respeito do que precisa ser feito. Vamos analisar, estamos revendo esse sistema todo e queremos um mecanismo que permita, com certa antecipação, prever o que possa acontecer. Não tínhamos esse mecanismo; hoje, temos modelos que nos permitem ver com uma antecipação de dois anos.

Aproveito a ocasião para dizer o seguinte: esse sinal amarelo pode acender, porque está ligado aos nossos reservatórios, etc., mas eu já tenho visto nos jornais uma previsão, outra previsão catastrófica para 2006. Agora não terá problema, mas tem em 2006. Não foi isso que disse o Doutor Mário Santos. Ele disse que, pelo menos até 2006, está tudo bem. Ele não disse que em 2006 está mal. E aqui já se está lendo: “Ah, vem a crise de 2006”. Não pode continuar assim, minha gente. O

Brasil precisa de crença. Já temos os mecanismos de antecipação. É só continuar a fazer o que nós estamos fazendo, aqui, e não vai ter crise nenhuma. Nem em 2006, nem em 2016, nem em 2026, nem nunca, se nós trabalharmos. Agora, não ajuda prever catástrofes, só frustra, depois, os que fizeram a previsão, mas desanima os que acreditam na catástrofe. Para que prever o que não existe? Já existem coisas que a gente não prevê e que acontecem, que são ruins. Não se deve construir um mal que não existe.

Não tem nada previsto para 2006, porque nós estamos acrescentando – acabei de dar esses dados aqui – muito mais capacidade geradora, já. E o Brasil, seja quem venha a ser o novo Presidente, espero que seja no rumo descrito pelo Governador Perillo, que é bom para o Brasil continuar nessa mesma direção. Mas seja quem venha a ser, a sociedade brasileira, hoje, está organizada. Ela aprendeu, ela sabe, ela vai pressionar de tal maneira que vamos, queiram ou não queiram, continuar construindo – e eu quero – um Brasil no rumo que nós estamos aí antevendo.

É claro – e não vou repetir o que não precisa ser dito, porque já foi dito por outros – que, na verdade, todo esse processo de mudança requer uma série de outras condições, a principal das quais é, realmente, a estabilidade econômica, é realmente o controle do gasto público, é o orçamento realista. Quando ele não é realista, o Congresso pode sonhar à vontade, porque tenho o pé no chão, eu corto. Eu corto, porque não dá. Se você prevê gastos cujos ingressos não existem, só há um caminho, que é cortar. Mas o bom, mesmo, é que o Congresso vai sendo cada vez mais realista, está sendo.

Fiquei muito entusiasmado ao ver o relatório técnico da Comissão de Orçamento, chamando atenção para que nós tomássemos cuidado para que se pudesse respeitar a Lei de Diretrizes Orçamentárias deste ano, porque havia um certo risco de não se chegar ao superávit de que se precisa. O Congresso dizendo isso. Amadureceu o Congresso Nacional. De vez em quando há lá uns desvios. Está bem, eu tenho, quem não tem?

Mas o fato é que nós estamos avançando, também, nessa matéria, para mostrar que é preciso ter, realmente, condições mais globais para que

possa haver investimentos, para que as pessoas possam imaginar o que vai ser o Brasil daqui a dez anos. Quem constrói isso não está pensando que vai ser neste mês ou no mês que vem, ou no ano que vem, tem que ter uma visão de futuro. Então, isso requer essa responsabilidade no trato da coisa pública, isso requer um forte compromisso social.

Fiquei muito contente. Passei por Minaçu. Vi, lá, uma obra de saneamento. Sei que está sendo feita em acordo com a empresa, com a Tratebel, porque isso conta para o povo. Não adianta ter energia elétrica e ter fábrica se não tiver trabalhador que tenha uma vida decente; se não tiver um futuro para este trabalhador e para a sua família, seus filhos; se não tiver uma educação para permitir que as pessoas se sintam, realmente, participantes disso. Senão, o que adianta ter uma massa de concreto da qual não vou me beneficiar? É preciso que as pessoas sintam que essa massa de concreto tem por trás dela uma massa cinzenta que projetou e tem um coração que acreditou, e tem capacidade de trabalhar em conjunto, e tem democracia para assegurar que os desvios sejam corrigidos, e tem futuro para as famílias e, sobretudo, para os mais pobres.

Não se trata de, simplesmente, produzir isso aqui como um marco de riqueza, riqueza que vai permitir melhorar a situação da maioria. E a situação da maioria ainda não é o que nós queremos. E ainda tem, nessa maioria que já não está tão bem assim, uma minoria que está muito mal e para a qual nós precisamos, como estamos fazendo, efetivamente, ter programas não demagógicos, também de médio prazo – também entendam que não se muda, não se erradica a pobreza do dia para a noite.

Tive a satisfação de receber o Vice-Presidente do Banco Mundial, que me dizia que os índices de queda da mortalidade infantil, no Brasil, passaram, agora, para 28 por mil, em média. Há muito pouco tempo, foram 44 por mil, no começo da década de 90. Tive a satisfação de ouvir a Prefeita de Florianópolis me dizer que, lá, são até oito por mil. Quer dizer, chegamos a um nível de país desenvolvido.

Pois bem, dizia o Vice-Presidente do Banco Mundial que a queda da mortalidade infantil no Brasil e o acesso à escola no Brasil se deram numa velocidade que não tem paralelo no mundo. Nenhum país – ele

até me deu os dados, sobretudo os grandes países: Índia, China, Indonésia – conseguiu reduzir esses indicadores negativos tanto e ampliar os positivos tanto, na área social, quanto o Brasil, nesses últimos anos.

Então, estamos avançando. Claro que não é milagre. É preciso continuar. Não se vai acabar do dia para a noite, mas o caminho está traçado, e o caminho é o mesmo. E o caminho é esse que estamos vendo, aqui, na Usina de Cana Brava.

Na verdade, para terminar, porque, senão, eu falo a manhã toda, de emoção, de satisfação de poder ver o Brasil que avança. Eu quero dizer o seguinte: essa usina simboliza, de alguma maneira, esse conjunto de aspirações que todos nós temos de um outro Brasil e de um Brasil melhor.

Quero dizer que o Governador Marconi Perillo tem sido incansável não apenas em fazer Goiás avançar, como em fazer aquilo que o Siqueira também faz, que é dizer que tem participação federal, que é dizer que os programas, muitos deles, são em conjunto. Não é por mim. Não sou candidato a mais nada; espero que a um descanso mal remunerado, mas um descanso que me permita trabalhar nas coisas de que gosto. Não é por mim, é para que o Brasil sinta que há parceria e que o Brasil avança quando os Governadores, independentemente dos partidos – e nem vou citar Governadores de outros partidos, porque os do meu vão ficar, talvez não eles, mas os do meu partido não vão gostar muito, que há outros partidos que têm esse mesmo espírito – esses dois Governadores que aqui estão são homens que constroem. E quem constrói sabe que não se constrói excluindo. Constrói-se dando as mãos: dando a mão ao Governo Federal, aos governos municipais, à sociedade. São pessoas do novo tempo. Isso não tem nada a ver com a idade. Sei que o Siqueira é mais moço que o Marconi. Mas, não obstante, desse ponto de vista, eles têm a mesma idade. A idade do novo Brasil. A idade de um Brasil que nós todos queremos, que é um Brasil melhor para todos.

Muito obrigado a vocês todos.